AEDOS Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS

Resposta à Mesa Redonda

Vicente Neves da Silva Ribeiro[1]

Busco no texto que segue dialogar com os comentários sobre meu artigo publicado nesta revista[2]. Não farei uma retomada exaustiva de todos os pontos levantados pelos colegas, escolhendo aqueles que julgo mais importantes e em relação aos quais posso contribuir[3].

Rafael Ioris desenvolve uma das mais recorrentes críticas aos usos do conceito de populismo: sua falta de rigor. Tendo em vista o lugar que este ocupa por vezes no discurso político, como algo semelhante à demagogia, vemos o populismo ser utilizado em diversas situações e com diversos sentidos, sempre depreciativamente. A obra de Ernesto Laclau não me parece, entretanto, encaixar-se nesta falta de rigor. Ao contrário, nela há uma delimitação bastante rigorosa do conceito de populismo, cuja consequência é a ampliação do número de ocorrências nos mais diversos contextos históricos justamente por não articular tal lógica política a nenhum deles particularmente. Essa abordagem pode ser questionada e como afirmo no artigo, parece-me que esse procedimento não contribui para uma melhor compreensão da realidade analisada, porém não creio que seu problema esteja na falta de rigor.

Lívia Cotrim vai além em sua crítica ao conceito de populismo e questiona não a falta de rigor na utilização do conceito de populismo, mas o próprio conceito. Para tanto, Lívia demonstra que em comum entre as várias abordagens do conceito de populismo está o reconhecimento deste como uma categoria válida para a compreensão da realidade. A autora busca demonstrar ainda que o caminho proposto por Laclau não está tão longe assim das teorias mais tradicionais sobre o populismo, tão somente analisando como positivo aquilo que as outras teorias afirmavam como negativo.

Gostaria de dialogar com Lívia sobre a situação da Venezuela. O fato das lutas por redistribuição não questionarem por si mesmas a ordem do capital é um dado que todos reconhecemos. Porém, é inegável que as dinâmicas de mobilização produzidas nestas lutas serão decisivas para todo e qualquer esforço de transformação social revolucionária. Isto é, me parece mais fecundo analisar para aqueles que lutam por uma transformação social

profunda, desenvolver as dinâmicas destas lutas.

No caso Venezuela haveria algo mais a dizer. Como será aprofundado um pouco mais adiante, a Venezuela ao longo do século XX se constitui como um país exportador de petróleo, exportador de um recurso que não é ele próprio produzido, mas que permite a seu proprietário captar uma renda internacional. Assim, o Estado tem um caráter distributivo dentro do país, pois seus recursos não se originam exclusivamente da produção interna da Venezuela.

O texto de Dagmar Manieri aborda uma série de temas. Me dedicarei tão somente a dialogar com a aproximação traçada por ele entre os conceitos de populismo e bonapartismo. Como Lívia Cotrim afirma em seu texto, o conceito de populismo surge fora da tradição marxista, mesmo que este fosse apropriado por muitos autores marxistas. Nesta apropriação o conceito de bonapartismo foi muitas vezes aproximado de populismo.

Pensar a utilização deste conceito para analisar os mesmos processos históricos pode ser interessante. Mais ainda seria identificar como o conceito de bonapartismo foi pensado para a América Latina e as características peculiares que este pode apresentar em determinados contextos. Em seu exílio no México, Léon Trotsky conheceu de perto a experiência do governo de Lázaro Cárdenas, presidente do México entre 1934 e 1940. Marcado por uma retomada dos avanços do processo revolucionário mexicano, Cárdenas enfrentou duas questões centrais: a questão da terra e do petróleo. Foi no seu governo que efetivamente foi realizada a reforma agrária na qual a propriedade dos *ejidos* aumentou de 13% para 47%,

Após uma série de confrontos com empresas petroleiras estrangeiras, o governo decidiu nacionalizar a indústria petroleira, sendo o primeiro país exportador a fazê-lo. Mesmo limitado para realizar análises sobre a política interna do país pela sua condição de asilado, Trotsky em alguns artigos e entrevistas se pronunciou sobre o processo mexicano, demonstrando fortes simpatias por estas iniciativas, opondo-se às retaliações dos países imperialistas e exortando os partidos operários destes países a se pronunciarem a favor da luta do México. Para analisar a situação, Trotsky definiu esse caso como um bonapartismo sui generis:

> Nos países industrialmente atrasados o capital estrangeiro desempenha um papel decisivo. Daí a relativa debilidade da burguesia *nacional* em relação ao proletariado nacional. Isto cria condições especiais de poder estatal. O governo oscila entre o capital estrangeiro e o nacional, entre a relativamente débil burguesia nacional e o relativamente poderoso proletariado. Isto confere ao governo um caráter bonapartista *sui generis*, de índole particular. Este se eleva, por assim dizer, por cima das classes. Na realidade, pode

> governar ou bem se convertendo em instrumento do capital estrangeiro e submetendo o proletariado às amarras de uma ditadura policial, ou manobrando com o proletariado, chegando inclusive a fazer-lhe concessões, ganhando deste modo a possibilidade de dispor de certa liberdade em relação aos capitalistas estrangeiros. A atual política [do governo mexicano] se liga à segunda alternativa; suas maiores conquistas são as expropriações das linhas férreas e das companhias petrolíferas (TROTSKY, 1938).

Outro autor que igualmente traça um paralelo com o conceito de bonapartismo para pensar a Venezuela é Fernando Coronil, na obra imprescindível para a compreensão da história contemporânea do país, El Estado Mágico. O autor busca compreender como o petróleo moldou a Venezuela do século XX em uma sociedade no qual a captura de uma renda originária da exportação

> Si se considera el bonapartismo *à la* Poulantzas como "una característica teórica constitutiva del tipo mismo de Estado capitalista", incluidos los Estados de las naciones periféricas, los cuales generalmente se excluyen de los análisis del Estado capitalista, habría que plantear la existencia de "subtipos" de Estados capitalistas y ubicarlos em un espectro cuyos extremos esarína constituídos por lo que pudiéramos llamar "bonapartismo clásico" y "bonapartismo rentista". El primero expresaría las relaciones de una sociedade capitalista estructurada em torno de la extracción y distribución de plusvalía local, el segundo, las de una sociedade capitalista organizada en torno de la apropriación y distribución de la renta del suelo (CORONIL, 2002, p. 251-252).

Entre os diversos casos citados nos comentários, nenhum deles mencionou a Revolução Cubana. Como pensar este processo? No marco traçado por Laclau e desenvolvido de forma mais detida por Diane Raby, pode-se compreendê-lo como expressão do populismo radical, o populismo das classes dominadas que em sua radicalização vai além do capitalismo. Raby afirma que este processo somente pode ser compreendido se situado na tradição populista latino-americana. Pelo que foi acima afirmado sobre o populismo, não poderia concordar com esta afirmação, porém reconheço que esta aponta para um lado interessante: traçar as conexões da Revolução Cubana com outros processos da região, não a isolando pelo seu tão singular desfecho. Para realizar isto, entretanto, a abordagem proposta por Werner Altman (2002) parece-me mais correta e fecunda, situando-a no marco da tradição nacionalista da América Latina. Em um livro sustentado nesta abordagem, México e Cuba: revolução, nacionalismo, política externa, o autor demonstrará as ligações ideológicas existentes entre os revolucionários cubanos e mexicanos, explicando como devido a um conjunto de fatores (composição dos movimentos, alianças, relação com o imperialismo, margem de manobra da burguesia, dinâmica das lutas sociais, contexto internacional) estes processos se diferenciaram, mesmo que mantendo em comum o nacionalismo.

> Ocorridas em momentos históricos diferentes, tiveram essas revoluções [Mexicana e Cubana] também características diferenciadas, ainda que em ambos os casos o nacionalismo tenha funcionado como articulador ideológico fundamental no interior dos movimentos (ALTMAN, 2002, p. 111).

As potencialidades revolucionárias do nacionalismo nos países dependentes estão relacionadas às lutas antiimperialistas, um elemento determinante para compreender a situação destes países e os desafios decisivos para transformá-los.

A importância da análise da obra de Laclau para compreender a Venezuela atual pode ser vista, em minha opinião, desde pelo menos dois aspectos. Por um lado seu impacto no país e o lugar central que esta ocupa em muitas análises ali desenvolvidas. Sua influência em autores que se debruçam atualmente sobre o processo é suficiente para uma atenção à sua abordagem. Por outro lado, e isto gostaria de ressaltar, mesmo para aqueles que não adotam em seu conjunto a teoria do populismo de Ernesto Laclau, sua obra apresenta contribuições bastante fecundas. Destacaria principalmente quando o autor coloca a importância da disputa a redor da definição do povo, não se lamentando pela sua escassa delimitação conceitual, ao contrário compreendendo a centralidade das batalhas para defini-lo nas lutas políticas contemporâneas. A tensão entre sua universalidade e parcialidade (*populus-plebs*) será decisiva para compreender as disputas ao redor do sentido do "povo".

Referências

ALTMAN, Werner (2002). *México e Cuba: revolução, nacionalismo, política externa.* São Leopoldo: Unisinos.

CORONIL, Fernando (2002). *El Estado Mágico. Naturaleza, dinero y modernidad em Venezuela*. Caracas: UCV/Nueva Sociedad.

[1] Professor Assistente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: vicente.ribeiro@ufrgs.br.

[2] RIBEIRO, Vicente Neves da Silva. Populismo radical e processo bolivariano: o conceito de populismo de Ernesto Laclau nas análises da Venezuela contemporânea. *Aedos*, Vol. 2, No 5, Porto Alegre, 2009.

[3] Gostaria de agradecer aos colegas da Aedos pelo convite para participar da sessão mesa-redonda da revista, bem como os comentários recebidos ao meu texto.